

APRESENTAÇÕES DE SI: A DISCURSIVIZAÇÃO EM UM FÓRUM

Moema Martins Rebouças - UFES

Letícia Nassar Matos Mesquita - UFES

Resumo

O artigo analisa uma interação feita em um Fórum da disciplina Estágio I, do Curso de Artes Visuais - Licenciatura, na modalidade a distância da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com o objetivo de apreender os "professores" inscritos nesses discursos, suas apresentações de si, em uma anterioridade à da formação atual, e nesse movimento delinear as expectativas que têm para a disciplina Estágio. Fundamenta-se nos estudos desenvolvidos pela semiótica de origem francesa, particularmente a sociosemiótica proposta por Eric Landowski.

Palavras-chave: formação em Arte, ensino a distância, linguagem.

Abstract

The article analyzes the interaction done in a forum Course Stage I of the Course of Visual Arts degree in distance mode from the Federal University of Espírito Santo (UFES) in order to grasp the "teachers" included in these speeches, presentations of themselves, in a prior to the current lineup, and this motion outlining the expectations they have for the discipline stage. It is based on studies prepared by the semiotics of French origin, particularly sociosemiótica proposed by Eric Landowski.

Keywords: art education, distance learning, language

Dois espaços de formação

A partir de novembro de 2009 o curso de Artes Visuais - Licenciatura, na modalidade a distância, é ofertado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com o objetivo de ampliar a formação de professores em Artes Visuais em todo o Estado do Espírito Santo. Com esta oferta vislumbra-se, finalmente, a mudança de uma situação que perdura em nosso estado, a da atuação de docentes nos sistemas de Ensino Infantil, Fundamental e Médio sem a formação específica.

Sabemos que tal fato não se restringe unicamente à educação escolar da Arte, e muito menos ao nosso estado, contudo a atuação de um profissional com formação superior nas aulas da disciplina de Artes na educação básica é uma meta há muito

perseguida pelos que lutam e almejam por uma educação de qualidade. A existência de um único curso de formação de professores de Artes no Espírito Santo, nas linguagens Visuais e Musicais, não atende a extensa demanda profissional¹, nem mesmo nos municípios que compõem a Grande Vitória, quanto mais nos municípios de todo o estado. Por este motivo, a nossa instituição atendeu ao Edital 01 e 02 SEED/MEC/UAB e optou por uma formação na modalidade de ensino a distância, o que possibilitou uma ampliação de vagas para a formação de professores.

Para viabilizar este projeto foram criadas parcerias entre o sistema de ensino federal (MEC e UFES) e os municípios que sediam as distintas unidades de formação que recebem a nomenclatura de *Pólos de Formação Continuada do Professor*. Devido à demanda em nosso estado, o curso é ofertado em 22 (vinte e dois) Pólos e estes estão localizados em todas as regiões do Espírito Santo, possibilitando aos alunos que moram em áreas rurais, ou que ainda em cidades localizadas em municípios vizinhos àqueles em que estão os Pólos, estejam a no máximo 50 quilômetros deles, e consigam assim deslocar-se semanalmente para os encontros semanais.

Para o ingresso no primeiro vestibular deste curso, metade das vagas foi destinadas aos professores em exercício e a outra metade para o público em geral num total de 660 vagas. O que propomos na pesquisa “A Arte na Educação no Espírito Santo - de professores a alunos”, que este artigo faz parte, é investigar os alunos desse curso, principalmente esse aluno/professor e suas trajetórias nessa formação.

Queremos conhecê-los para acompanhá-los no processo mesmo de sua formação e conhecer os saberes advindos de uma prática que se dá no cotidiano das salas de aula, em confronto ou não, com outros saberes, como os que a academia lhes proporcionará num curso que possui para aqueles que já são professores a dimensão de uma formação continuada em docência, em nosso caso específico a de Artes.

Durante esse processo de investigação, queremos adentrar no ambiente virtual de aprendizagem do curso, não só para conhecermos as práticas educativas propostas ali, mas a partir delas, esse aluno/professor que é docente nas escolas, e a cada ano assume distintas disciplinas, mas que se prepara para ser o professor de Artes, não mais ocasionalmente, como nos momentos de distribuição das disciplinas na

escola em que consegue a de Artes, mas se graduará para conquistá-la legitimamente. Afinal, como falou um aluno do curso do Pólo de Colatina “a tal da complementação de carga horária que o Estado tem feito, colocando o professor efetivo de outra área para as aulas de Artes não pode suplantar e impedir a contratação de um especialista” é o que esperamos e queremos crer, no compromisso das instituições responsáveis pela educação em nosso estado e no país que têm investido nessa formação, pois o argumento da ausência de profissionais formados não se sustentará mais.

Por outro lado, na pesquisa que estamos realizando, consideramos os dois espaços de formação em que estes professores convivem, tanto o da educação básica, que é o de atuação cotidiana, como o do ensino superior em Artes, que lhes possibilitarão a conquista da “sala de Artes”. Se por um lado, são dois espaços instituídos de formação, que exigem competências diferenciadas desses sujeitos, no primeiro há um *saber-fazer* que embora, a todo o momento, se modifique, pois é advindo da prática, se pauta num saber constituído ali, no cotidiano dessa prática, ou como alguns falam, “no chão da escola”, com os sobressaltos e surpresas advindos dali e de sua formação para estar ali.

Do outro lado, está o que chamamos em semiótica de objeto modal, ou seja o lugar de investimento de valores que lhes possibilitará a conquista da “sala de Artes” que é o curso de Artes Visuais, este é independente do primeiro, mas depende das determinações do sujeito, em nosso caso o aluno/professor que na maioria dos casos já possui uma carga horária de até 50hs semanais na escola, mas que almeja uma mudança em sua atuação profissional na escola. Esta mudança depende de um *querer* destes sujeitos, e de um *poder-fazer* que a instituição possibilitou.

Interessa-nos acompanhar o trânsito entre os dois espaços de formação, do aluno/professor que é professor da educação básica, de seus saberes docentes advindos do cotidiano, com aqueles do curso, da academia, numa articulação entre eles e num alcance que se expande e se estende às escolas e a cada sala de aula em que atuam como professores. É uma investigação que toma como objeto o professor, aluno de um curso de graduação, mas que é também uma formação continuada em Arte, e que se dá durante a sua docência, numa circularidade constante entre os dois espaços vivenciados e experienciados por eles.

Uma pesquisa dessa natureza possibilitará desvelarmos não somente o professor em formação, mas a docência em Artes a partir da experiência desse aluno/professor nesse processo. Nessa processualidade, os conteúdos, as metodologias e as diversas experiências em arte que a cada módulo de curso são apresentadas pelas disciplinas poderão ser apropriados e ressignificados por eles. Tanto naquelas disciplinas que compõem os *Fundamentos Plásticos*, que envolvem os processos de criação em laboratórios de arte, como as de *Fundamentos históricos e teóricos das artes visuais*, com disciplinas como História da Arte e Filosofia da Arte, ou ainda pelos *Fundamentos históricos e teóricos do ensino da arte* que abrangem as disciplinas de Metodologias de Ensino, Estágio e Práticas de Ensino que consideram a educação como uma prática intencionada pela teoria e o professor/aluno, em nosso caso, um pesquisador de seu próprio trabalho docente e da realidade escolar, e como esta é repensada por ele, e proposta em seu cotidiano escolar.

Para apresentar na ANPAP, propomos a análise de uma discussão feita no Fórum Construir Saberes da disciplina Estágio I que tem como enunciado “Se você é professor” com o objetivo de apreender os “professores” inscritos nestes discursos, suas apresentações de si, em uma anterioridade a da formação atual, e nesse movimento delinear as expectativas que têm para o Estágio.

A escolha por esta disciplina se justifica porque, entre as três fundamentações que compõem o currículo do curso, esta que propõe a escola como campo de investigação é a mais familiar para eles, e talvez por este motivo, tenha gerado tanta curiosidade e questionamentos sobre a sua oferta.

Estágio num curso a distância? Um Fórum, o que é isto?

A proposta da educação da Arte presente no curso é reflexiva, por considerar a ação docente deste professor aluno, mas ao mesmo tempo não se volta para si-mesma numa circularidade que poderia existir, pois valoriza esta *experiência* na escola e também as *experiências* culturais existentes ali, trazidas para a escola e esta como

um espaço de formação humana ampliada, desse modo é de uma formação que se baseará na *epistemologia da prática*¹ que consideramos.

Nesse movimento que esta ação desencadeia, desestrutura-se a estabilidade de um saber constituído por este profissional, e dos saberes homogeneizantes da escola para a tomada de uma outra posição, de outros pontos de vista, que se formam no cotidiano deste espaço cultural que é a escola. Poderíamos então supor que esse exercício impõe um outro olhar, mais distanciado e objetivado desse sujeito sobre a sua própria prática. Espera-se que nesse movimento, a reflexão, a análise e a problematização dessa prática docente possibilite a ressignificação da mesma.

Na proposta de Garrido e Pimenta (2009) a *epistemologia da prática* é, ao mesmo tempo, uma investigação que reconhece o professor como produtor de saberes, e confere estatuto próprio de conhecimento ao desenvolvimento dos saberes docentes, concordamos com as autoras, mas acrescentamos em nossa proposta as apropriações que o cotidiano cultural da escola, ou das escolas, agregam ao professor.

Qual então é a proposta para o estágio num curso na modalidade semipresencial como esse? A que fazemos é da adoção da pesquisa como princípio formativo da docência, e o estágio como componente curricular articulador entre as demais disciplinas que compõem o currículo. Ao considerar a educação como uma prática intencionada pela teoria, é pela pesquisa que a realidade escolar é repensada e as transformações das práticas docentes poderão se efetivar.

Esta concepção de estágio tem como objetivo a aproximação do aluno com a realidade na qual atuará, para a ressignificação de sua própria atuação, quando se tratar de aluno que já é professor, conforme o que preconizam Pimenta e Gonçalves (1990) se afasta de uma proposta que existia alguns anos atrás em cursos de formação de professores em que o estágio seria a parte prática do curso.

Contudo, as autoras Garrido e Pimenta argumentam que para que esta aproximação ocorra de modo significativo deve ter uma “[...] conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas

¹ Cf. Para aprofundamento consultar Garrido e Pimenta, 2009; Schön in Nóvoa, 1992.

de observação, é míope, o que aponta a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam” (2009, p.45). Caberá então, tanto aos professores orientadores de estágio, como da concepção de estágio proposta no curso, promover esse encontro com a realidade tomando-a como objeto de investigação, para que esta possa ser investigada e questionada a partir de fundamentos teóricos da educação que possibilitem aos alunos aprofundar as reflexões advindas dessa experiência.

E o Fórum o que é isto?

O ambiente virtual do curso (AVA) possui diversos recursos que possibilitam diferentes tipos de interação entre os sujeitos que ali se encontram virtualmente e os fóruns são um destes recursos. Por outro lado, todas as disciplinas do curso de Artes Visuais possuem uma estrutura semelhante em relação aos fóruns, ou seja, cada uma delas possui três diferentes fóruns e cada um deles tem o poder de ampliar ou limitar as interações entre os sujeitos nele, como a de designar quem pode e quem não pode interagir ali.

No fórum *Tira-dúvidas*, qualquer um pode iniciar a discussão e/ou dar continuidade a ela, este fórum possibilita então qualquer tipo de interação; a *Sala de professores*, como o nome indica, é um fórum de interação entre tutores e professores; e o terceiro, o escolhido por nós, o *Fórum Construir Saberes* é para acompanhamento e aprofundamento de estudos e somente o professor pode iniciar o tema de discussão, aos alunos é dada a possibilidade de continuidade à temática proposta.

Escolhemos este Fórum para análise, não somente pela temática debatida, mas pelo número expressivo de participantes nele. Dos atuais 500 alunos que continuam no curso e se matricularam nesta disciplina Estágio I, que está no Módulo III do curso, o que corresponde ao terceiro semestre letivo, ocorreram 189 postagens.

Fórum para construir saberes - Se Você é professor

Essa é a chamada para o Fórum. Um convite? Uma frase que cria uma expectativa no outro para completá-la ou para negá-la? Afinal, como já explicamos antes, somente metade dos alunos ingressantes no curso eram professores. Começamos a pensar em um primeiro esboço, na tentativa de apresentar, a nós mesmos, como início da investigação, o que podemos chamar dos primeiros traços que irão

possibilitar este desenho constituído por estes alunos participantes deste fórum. Quem são eles é a nossa primeira questão?

Das 189 postagens, chamamos assim as respostas à questão de um fórum: 2 pertencem às Professoras da disciplina Estágio I, 2 a duas diferentes tutoras do curso, 34 negam ser professor, 146 afirmam e 5 são postagens silenciosas, não há nelas um texto escrito, somente o nome de quem suspendeu o movimento para o início de conversa. Entre os que negam ser professores encontramos 6 do sexo masculino, e entre os que afirmam estão somente 8, ou seja, o nosso aluno que participou deste fórum de professor é feminino. As mulheres são as professoras da educação básica, são elas que querem e podem mudar de posição nas escolas, e conquistar a “sala de Artes”.

Com o objetivo de apreender os “professores” e “as professoras” discursivizados no fórum, as suas apresentações de si, em uma anterioridade a da formação atual, vamos também nesse movimento delinear as expectativas que têm para o Estágio, que é um componente obrigatório para as licenciaturas.

Ao analisarmos as interações desses alunos/professores no Fórum, provocados pelas Professoras² da disciplina Estágio, mediados por um ambiente virtual, consideramos não somente a capacidade discursiva de “agir” e de “fazer agir”, e como esta modifica as relações intersubjetivas no ambiente em que ocorrem. Mas do carácter político de um discurso, pois não se trata de “falar de política”, ou em nosso caso, de “falar de estágio”, mas ao fazê-lo, como argumenta Landowski (1992,p.10) o sujeito “realiza certos tipos de atos sociais transformadores das relações intersubjetivas, estabelece sujeitos ‘autorizados’, instala deveres, cria ‘expectativas’, instaura a ‘confiança’, e assim por diante”.

Provocados a disjuntar do espaço e tempo em que se encontram, esses professores narram suas experiências como sujeitos de um “lá” e um “então” que se presentificam no “aqui” e “agora” do discurso das postagens. A provocação postada no espaço Fórum presentifica esses sujeitos, ou melhor dizendo, os sincretiza em um único sujeito: o sujeito-estagiário do “então/lá” e o sujeito-estudante do curso de graduação do “aqui/agora” que enuncia sua experiência. Porém, cada estudante, ou seja, cada sujeito sincretizado constrói, a partir de várias modalidades de apreensão

do seu “espaço” e “tempo”, a relação consigo mesmo, como “eu”. Portanto, temos aí uma construção identitária, uma vez que, como explica o semioticista Eric Landowski (2002, p. 71) “toda ‘procura do si’ passa por um processo de localização do mundo – do mundo como alteridade e como presença em relação a si.”

Nas postagens observamos diferentes modos de apresentação desses sujeitos sincréticos que, ao narrarem sua experiência constroem o significado da prática de Estágio. Portanto, ao apreendermos o discurso enunciado estaremos lendo, refazendo, retomando as operações semióticas pressupostas em sua produção e considerando, também, o contexto dessa produção. Quanto a este último, esses enunciados foram produzidos a partir de uma provocação e inscritos em um suporte específico – uma plataforma virtual em que não só o professor tem acesso ao seu conteúdo, como também os demais colegas de sua turma. Isso posto, trata-se de um enunciado onde estão em jogo, também, relações intersubjetivas, nas quais os enunciadores têm como interlocutores diferentes sujeitos, dos quais muitos são desconhecidos, pelo menos enquanto seres de carne e osso. Por outro lado, isto nos leva a refletir, sobre os modos de conhecimento que um ambiente virtual de aprendizagem nos apresenta e nos impõe.

A provocação

“Se Você é Professor...”³

Se você é professor comente sobre a sua experiência como estagiário em seu curso de formação anterior. Conte-nos também se em algum momento de sua docência já recebeu estagiário em sua aula e como foi essa experiência?

Se você não é professor, já atuou como estagiário em algum momento de sua formação? Relate esta experiência.”

Das 189 postagens comentadas anteriormente, depreendemos, então, 4 categorias dos enunciados postados e nelas a presença de diferentes modos de apresentação desses sujeitos no Fórum e de concepção de estágio

1 – Narrativas disciplinadoras - Se move pelo dever-ser. Sua narrativa é em primeira pessoa e aponta as vantagens do Estágio na construção de um professor. No entanto, o estágio é visto como instrumentalizador a partir das escolhas enunciativas, ou seja, do fazer-fazer da prática, como o domínio de sala e a

transmissão do conhecimento; das transformações que a prática proporciona – “deu base para o bom desempenho”; e a prática como um dos meios que levará o sujeito a poder ser professor, e os valores apontados para a docência “domínio da sala”, “o respeito dos alunos”, isto é, o estágio aqui é o que possibilita a transformação do sujeito, um *dever-fazer* para o sujeito poder-fazer.

“Minha experiência com estágio foi bem longa e bastante monitorada pela professora e diretora da escola. Nesta fase aprendi bastante e adquiri uma boa formação que, no caso, me deu base para o bom desempenho que consigo ter na sala de aula, posso afirmar que tenho domínio da sala, consigo o respeito dos alunos.

Depois já fiz novamente outro estágio para um curso de complementação. Também gostei muito, pois adquiri mais e novas formas de transmitir o conhecimento.

Já trabalhei na sala de aula, e desta forma também já recebi colegas na sala para poder realizar seu estágio com a minha turma.”

2 - Em torno de si - Pragmática, objetiva – o enunciador inicia o seu texto em primeira pessoa e, de modo sucinto, narra a sua experiência, não conservando assim um distanciamento de si. Essa categoria caracteriza-se a partir de orações curtas e por sua apresentação visual, às vezes, em tópicos, construindo um efeito de distanciamento que não se concretiza ao instalar no texto a primeira pessoa do singular. O estágio aqui também é considerado em sua função pragmática, mas os deveres e as avaliações são de um “outro”, dos alunos ou as do orientador, por exemplo *“escolas foram determinadas pelos orientadores”*. A desconfiança impossibilita a apresentação de si, como na descrição sucinta a tal ponto que não nos permite ter acesso ao sujeito e nem ao estágio realizado. Exemplo:

“Sou professora e a minha experiência como estagiária apresentou pontos positivos e negativos, dentre os quais destaco:

Positivos: algumas intervenções feitas e o retorno positivo dos alunos, sobre as atividades desenvolvidas.

Negativos: dificuldade de acesso às escolas e de horário para estagiar, pois as escolas foram determinadas pelos orientadores.

A não aceitação de alguns professores em receber estagiários.”

3 - Narrativas passionais – narrado em primeira pessoa, a professora apresenta seus medos, suas inseguranças quanto à prática do Estágio, construindo um efeito de proximidade com o leitor, uma certa “intimidade” ao expor suas emoções, manifestadas em seu corpo e nesse fazer as suas fragilidades. O estágio ora é sujeito provocador de paixão, “*Ficava muito nervosa só em pensar no estágio*”, ou ainda “*pelo tremor que toma conta de todo o nosso corpo*”. Como a dimensão é passional, de um poder-ser transformador, o estágio também é aspectualizado e valorizado pela temporalidade, “*é um momento muito importante na formação de um profissional*”.

“Sou professora do Ensino Fundamental Iniciante. Fui estagiária com 16 anos de idade quando cursava o magistério (Normal). Ficava muito nervosa só em pensar no estágio e me lembro, como se fosse hoje, da minha primeira aula que foi sobre o dia da árvore. Tive duas estagiárias 14 anos atrás, uma delas hoje, é minha colega de trabalho e grande amiga. O estágio é um momento muito importante na formação de um profissional.”

“Lembro-me de que fiquei um tanto nervosa, talvez pelo impacto da novidade de entrar numa sala e ter todas as atenções - dos alunos e da professora - voltadas para mim. Acho que bate uma insegurança, e não sei se é pelo temor de falhar em alguma coisa ou pelo tremor que toma conta de todo o nosso corpo...”

4 - Narrativas de si – neste caso também as narrativas são em primeira pessoa só que ao descrever a sua experiência, o autor descreve a si mesmo e nessa ação instala uma continuidade estendendo o tempo de “então” para “agora”, traz as suas memórias, figurativiza as escolas e os professores com o teatro, nesse fazer distingue os espaços de formação, o do curso Normal e da Faculdade, como duas instâncias opostas a primeira, permitindo assim a fantasia, a invenção, e à segunda resta entregar-se à realidade. Por fim, propõe aspectualizar o estágio pela duratividade, enaltecendo e valorizando a incompletude da formação - “*creio que devemos ser sempre estagiários*”.

“Fiz meu estágio do curso Normal há bastante tempo. Na época os professores eram até valorizados. Os estágios, fora da realidade das escolas, pareciam um teatro. Tínhamos que ensaiar, horas e horas, para tudo dar certinho e tirarmos boas notas. Já na faculdade, eram mais reais, porém o número de horas não era como hoje, muitas das nossas atividades contavam carga horária. Mas a palavra Prática sempre despertava em nós uma

insegurança, um nervosismo, uma secura na boca... e tudo só passava, quando encerrava o ano.

No entanto, se pensarmos que o estágio é um período de aprendizado prático, de aprimoramento, de aumento da capacidade profissional, creio que devamos ser sempre estagiários,... e que bom que ainda sentimos aqueles tremores, aquela dorzinha na barriga, aquele nervosismo, é sinal que ainda temos muito que aprender.”

Concluindo provisoriamente este artigo, a partir do recorte das postagens categorizadas acima, é possível encontrarmos modos diferenciados e pessoais de ser aluno/professor, ou melhor, alunas/professoras deste curso. Esta apresentação de si ocorre desde um tempo de “então”, presentificado na memória de cada uma, nos possibilitando apreender daí os estágios realizados por elas anteriormente, e nesse movimento as concepções e as “crenças” discursivizadas no momento da interação no Fórum. Como o objetivo de todo ato de comunicação é o de persuadir para que o outro aceite o que está sendo comunicado, podemos afirmar que obtivemos êxito em nossa persuasão pelo número de interlocuções advindas dela. Temos então no fazer interpretativo de cada uma das categorias apontadas aqui a construção de um fazer-criar ser o Estágio uma prática indissociável do poder ser professor. No entanto, esse fazer é tematizado de duas maneiras:

- a) Como obrigação
- b) Como obrigação e paixão

No primeiro caso temos as categorias *narrativas disciplinadoras* e *em torno de si*, nelas o Estágio é figurativizado como um fazer pragmático, ora como um *dever-fazer* para cumprimento da disciplina, ora como um *dever-fazer* cuja condução é determinada por um “outro” e não a própria aluna/professora tomando para si os rumos, ou os destinos, ou desejos de sua própria aprendizagem.

No segundo caso, entendemos por conceito “paixão” o efeito de sentido que qualifica a relação do sujeito com o seu fazer. Nesse caso temos as *narrativas passionais* e as *narrativas de si*, onde o Estágio é figurativizado como um fazer não apenas pragmático, mas também sensível, quando os autores utilizam-se das figuras “secura na boca”, “tremores”, “dorzinha na barriga”. Nestas categorias os sujeitos são modalizados por um *poder-ser* e o estágio possibilita a transformação

de estado deste sujeito constituindo-o para um cumprimento de um dever, que é pontual *nas narrativas passionais*, e durativo nas *narrativas de si*, possibilitando a esta aluna/professora que a experiência do estágio perdure, num *fazer ser professor* que não se fecha, mas se complementa cotidianamente e se faz sentir no corpo que está aberto aos sentidos.

¹ Dados da SEDU/ES e de pesquisa realizada por Rebouças em 2004 apontaram para um número de 1.200 profissionais atuando como professores da disciplina Arte e/ou Educação Artística na educação básica em municípios do Espírito Santo sem a formação e titulação superior em arte.

² As professoras da disciplina são as autoras do artigo.

³ As postagens do fórum serão apresentadas neste artigo em itálico.

Referências

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.166.

_____. **A sociedade Refletida: ensaios de sociosemiótica**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

Moema Martins Rebouças, é licenciada em Desenho e Plástica, com Mestrado em Educação e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Possui artigos publicados com o tema da Educação da Arte e Semiótica, publicou *O Discurso Modernista da Pintura* (2003) e *A cidade que mora em mim* (2009). É pesquisadora do CNPq, líder do Grupo de Pesquisa GEPEL e membro da ANPAP. E-mail: moemareboucas@gmail.com

Letícia Nassar Matos Mesquita, é graduada em Comunicação, mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFES). Publicou *A produção literária feminina nos jornais capixabas na segunda metade do século XIX*. É pesquisadora do CNPq, membro do GEPEL e do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS/PUC-SP). E-mail: letty3@yahoo.com.